

CONCURSO FOTOGRÁFICO: IMPULSIONANDO O PERTENCIMENTO NAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE

Tayane dos Santos Guedes¹

Karine Bueno Vargas²

255

Resumo. A inserção da fotografia como ferramenta de conexão entre diferentes esferas (Universidade, Academia, Gestão e População) nas Unidades de Conservação (UCs) traz a possibilidade de fortalecimento das relações sociedade-natureza a partir de um concurso fotográfico, que abarcou 5 UCs da Baixada Fluminense no Estado do Rio de Janeiro: Floresta Nacional Mário Xavier, Área de Proteção Ambiental Horto Municipal Luiz Gonzaga de Macedo, Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu, Parque Estadual do Mendanha e APA Gericinó Mendanha. A pesquisa objetivou impulsionar o uso da fotografia de natureza, gerando uma maior sensibilização e pertencimento ambiental com a população. A metodologia se pauta na pesquisa - ação. Através das análises, desde a criação do concurso e das ações realizadas nas UCs, foi possível fortalecer o sentimento de pertencimento dos envolvidos, demonstrando o quanto trabalhar com arte nesses espaços pode contribuir nas mudanças de perspectiva sobre a beleza, riqueza de espécies e importância das áreas protegidas, sensibilizando e conscientizando sobre a importância da conservação.

Palavras-chave: Sensibilização; Pertencimento; Percepção Ambiental; Educomunicação; Geofotografia; Educação Ambiental.

¹ Mestra, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

² Doutora, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

PHOTOGRAPHY COMPETITION: BOOSTING BELONGING IN PROTECTED AREAS OF BAIXADA FLUMINENSE

Abstract. The photography inclusion as a tool to connect different spheres (University, Academy, Management, and Population) within Protected Areas, offers the possibility of strengthening society-nature relationships through a photography contest. This contest encompassed five Protected Areas in Baixada Fluminense region of Rio de Janeiro State: Floresta Nacional Mário Xavier, Área de Proteção Ambiental Horto Municipal Luiz Gonzaga de Macedo, Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu, Parque Estadual do Mendanha, and APA Gericinó Mendanha. The research aimed to promote the use of nature photography, fostering greater environmental awareness and a sense of belonging among the population. The methodology is based on action research. Through the analysis, from the creation of the contest to the activities carried out in the CUs, it was possible to strengthen the participants' sense of belonging, demonstrating how working with art in these spaces can contribute to changing perspectives on the beauty, species richness, and importance of protected areas, thus raising awareness and promoting the importance of conservation.

Keywords: Awareness; Belonging; Environmental Perception; Educommunication; Geophotography; Environmental Education.

CONCURSO FOTOGRÁFICO: IMPULSANDO LA PERTENENCIA EN LAS ÁREAS PROTEGIDAS EN LA BAIXADA FLUMINENSE

Resumen. La incorporación de la fotografía como herramienta de conexión entre diferentes esferas (Universidad, Academia, Gestión y Población) en las Áreas Protegidas ofrece la posibilidad de fortalecer las relaciones sociedad-naturaleza a partir de un concurso fotográfico, que abarcó 5 Áreas Protegidas de la Baixada Fluminense en el Estado de Río de Janeiro: Floresta Nacional Mário Xavier, Área de Protección Ambiental Horto Municipal Luiz Gonzaga de Macedo, Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu, Parque Estatal del Mendanha y APA Gericinó Mendanha. La investigación tuvo como objetivo impulsar el uso de la fotografía de naturaleza, generando una mayor sensibilización y sentido de pertenencia ambiental en la población. La metodología se basa en la investigación-acción. A través de los análisis, desde la creación del concurso y las acciones realizadas en las Áreas Protegidas, fue posible fortalecer el sentimiento de pertenencia de los involucrados, demostrando cuánto trabajar con arte en estos espacios puede contribuir a cambiar las perspectivas sobre la belleza, la riqueza de especies y la

importancia de las áreas protegidas, sensibilizando y concienciando sobre la importancia de la conservación.

Palabras clave: Sensibilización; Pertenencia; Percepción Ambiental; Educomunicación; Geofotografía; Educación Ambiental.

Introdução

A fotografia inicialmente era considerada uma forma de reproduzir o real, algo de valor para registros históricos, pois fornecia dados sobre pessoas, riquezas naturais, populações em determinadas épocas (Araújo Filho e Lima Neto, 2016). A fotografia nada mais era que algo mecanizado.

A partir das ressignificações, passou-se a entender que antes de qualquer registro fotográfico há ações que envolvem pontos de vistas individuais e coletivos. "É, justamente, por considerar todos esses aspectos, que as fotografias nos impressionam, nos comovem, nos incomodam, enfim, imprimem em nosso espírito sentimentos diferentes" (Mauad, 1996, p. 5).

Há muitas formas de perceber o mundo a nossa volta, e a fotografia pode ser utilizada em estudos de percepção, já que praticamente tudo nesta arte relaciona-se à sensibilidade e a linguagem. É a partir das fotografias que podemos perceber a inter-relação entre o significado da paisagem representada pelo indivíduo e sua significância, demonstrando, assim, maneiras de pensar e sentir que transformem as relações entre natureza, cultura e a sociedade em um todo, num misto de sensibilidade e conhecimento (Oliveira, 2007).

A fotografia surgiu com a articulação dos pensamentos dos franceses Joseph Niépce e Louis Jacques Daguerre. Niépce se preocupava em descobrir como fixar uma imagem através da heliografia, e Daguerre com o controle da ilusão da imagem e assim trabalharam em cooperação entre 1829-1830 (Mauad, 1996).

A invenção do Daguerreótipo se caracterizou como o pontapé da fotografia em termos de instrumentos, o mesmo produzia uma imagem única, a partir de uma placa que era sensível à luz, sendo assim, a própria placa era a fotografia (Azevedo, 2012). É importante frisar que, inicialmente, a fotografia partia de um ponto de vista colonial, de auxílio às explorações.

Atualmente, com o avanço das tecnologias, a grande maioria dos celulares possuem câmeras intuitivas para utilização e com resoluções cada vez melhores. Alguns já possuem o modo profissional, que permite a configuração e o controle total da luz. Nesse âmbito, é possível até fotografar em RAW (formato cru), conhecido também por DNG (*Digital Negative*), formato no qual a imagem abarca um número muito maior de informações, como se representasse o negativo dos filmes de câmeras analógicas antigas.

No caso da fotografia de natureza, tudo dependerá do elo afetivo entre a pessoa e o lugar. Essa conexão do indivíduo com o local é interligada com o conceito de percepção ambiental. Esta, por sua vez, interliga elementos de diversas áreas articuladas como a psicologia, geografia, biologia, dentre outras, tem o objetivo de entender quais fatores e processos levam o indivíduo a possuir percepções em relação ao meio ambiente, buscando também compreender, de fato, quais são e como se dão as relações entre a natureza como espaço vivido e sentido (Ferreira, 2005).

De acordo com Melazzo (2005), o estudo de percepção ambiental depende de quais valores cada pessoa atribui ao meio, e esses valores dependem das sensações que, segundo o autor, são estimuladas através dos cinco sentidos humanos. A partir desses estímulos, há a compreensão de valores e de outros aspectos importantes que mudam sua forma de agir e pensar.

Para Costa e Colesanti (2011), o estudo da percepção ambiental nos espaços urbanos auxilia na compreensão de quais seriam as interpretações sobre o lugar à sua volta e, através deste, desenvolve uma visão mais holística sobre diferentes indivíduos. No entanto, mesmo que estes convivam em um mesmo espaço urbano e coexistam nos mesmos espaços verdes, existem dicotomias, visto que podem ter percepções distintas das paisagens vividas e percebidas.

A noção de paisagem nesta pesquisa relaciona-se com o conceito de Geoecologia, como uma realidade em que há um sistema de recursos naturais que se relaciona e integra rotativamente à sociedade, constituído de dois conjuntos inseparáveis: a sociedade e a natureza. A paisagem, então, forma-se por uma tríade: a paisagem natural, a social e a cultural, a qual, ao ser

entendida como um sistema, permite uma maior percepção e compreensão entre todas as suas partes (Rodriguez, Silva e Cavalcanti, 2022).

A escolha do recorte de UCs que a pesquisa iria abordar se deu de diferentes maneiras: a Flona MX foi escolhida devido à proximidade da UC com a Universidade Federal Rural, a APA Horto Municipal Luiz Gonzaga de Macedo foi escolhida por ser uma UC querida pela população do município de Queimados e por ter destaque em ações de Educação Ambiental.

Já as outras três UCs, APA Gericinó Mendanha, Parque Estadual do Mendanha e Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu têm seus territórios sobrepostos, sendo as três contempladas por abarcar um dos maciços florestados mais importantes da Baixada Fluminense, o Maciço do Mendanha, que devido à sua grande extensão abarca municípios distintos. As UCs que estão localizadas dentro desse recorte sofrem com muitos impactos socioambientais, seja pela alta urbanização, violência, pobreza ou pela falta de valorização do território, necessitando de políticas públicas voltadas a sua conservação, bem como, de pesquisas científicas e práticas educativas em meio ambiental – a efetivação da educação ambiental.

A condução de um trabalho com um viés fotográfico tem o potencial de aproximar não só a Academia da população, como também, a população das UCs. O recorte escolhido na Baixada Fluminense deriva da necessidade de mais trabalhos dentro desses espaços protegidos por lei, mas que na prática estão sujeitos aos mais diversos impactos.

Além de haver uma grande desvalorização desses espaços mediante seus potenciais ecossistêmicos, muitas vezes os mesmos são subutilizados pela população. Sendo assim, a fotografia, como uma linguagem não-verbal, surge como porta voz de lugares e se contrapõe aos meios massivos de comunicação, que divulgam a região como sendo uma zona de sacrifício, resumida pelas violências.

A fotografia, portanto, entra como um forte instrumento para uma nova relação sociedade e natureza, pois pode auxiliar como ferramenta em muitas esferas. A criação do concurso fotográfico traz para a gestão, além de fotografias que poderão ser utilizadas de diversas maneiras, a ampliação do debate sobre conservação dentro das UCs, aumentando a sensibilização e a maior participação e pertencimento da sociedade para com esses espaços.

Diante de todas essas atribuições, surge esta pesquisa que interliga arte, popularização da ciência e educomunicação, a partir da criação do Concurso Fotográfico de UCs da Baixada Fluminense, utilizando-se a pesquisa-ação. O objetivo é utilizar a fotografia para a promoção da conservação da natureza e divulgação desse território polissêmico, tão sensível, porém, cheio de vida.

Localização da Área de Estudo

A área de estudo desta pesquisa encontra-se na Baixada Fluminense, esta região possui muitas complexidades e características distintas. Nesta pesquisa, a divisão dos municípios está em consonância com a divisão do IBGE, fazendo parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) 13 municípios sendo: Duque de Caxias, Guapimirim, Belford Roxo, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica.

A região pertence ao Bioma Mata Atlântica, um dos biomas mais ameaçados do planeta, dos cinco mais importantes *hotspots* de diversidade (Myers *et al.*, 2000), e continua a sofrer com grande pressão antrópica. A Baixada Fluminense guarda uma grande biodiversidade que luta por sobrevivência e se mantém pela existência das UCs da região.

Atualmente, a Baixada Fluminense possui 71 UCs divididas entre as três esferas administrativas Federais, Estaduais e Municipais. Entre as divisões dos dois grandes grupos, são 54 UCs de Uso Sustentável e 17 UCs de Proteção Integral. Entre essas, são 9 federais, 10 estaduais e 52 municipais. Em área, somatizando os limites das UCs, são 392.739,61 hectares, sendo que algumas dessas UCs possuem territórios que ultrapassam o limite regional da Baixada Fluminense (Lima, 2023).

A estratégia para proteger parte da biodiversidade encontrada nesta região foi a criação de UCs, utilizada em diversos municípios, sendo crucial para a manutenção dos poucos fragmentos de vegetação nativa da Mata Atlântica que ainda restam.

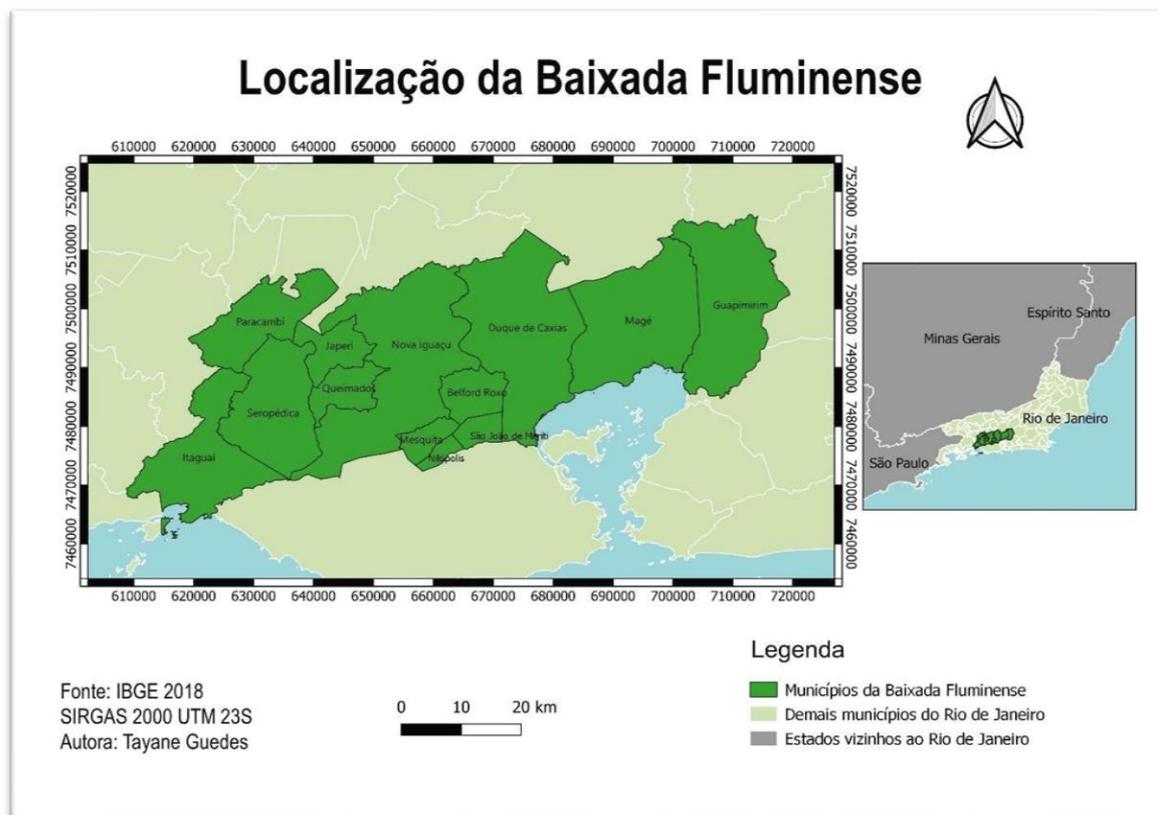


Figura 1: Localização da Baixada Fluminense
Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A espacialização das UCs que fazem parte desta pesquisa encontra-se na figura 2, onde é possível identificar a localização das mesmas. A Floresta Nacional Mário Xavier (Flona MX) localiza-se no perímetro urbano do município de Seropédica. A APA Horto Municipal Luiz Gonzaga de Macedo (APA HMLGM) fica localizada ~~no~~ também na área urbana do município de Queimados. As outras três, Parque Estadual do Mendanha (PEM), Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu (PNMNI) e APA Gericinó Mendanha (APAGM) encontram-se sobrepostas e estão localizadas em parte dos municípios do Rio de Janeiro, e nos municípios de Nova Iguaçu e Mesquita, sendo também predominantemente cercadas pela urbanização.

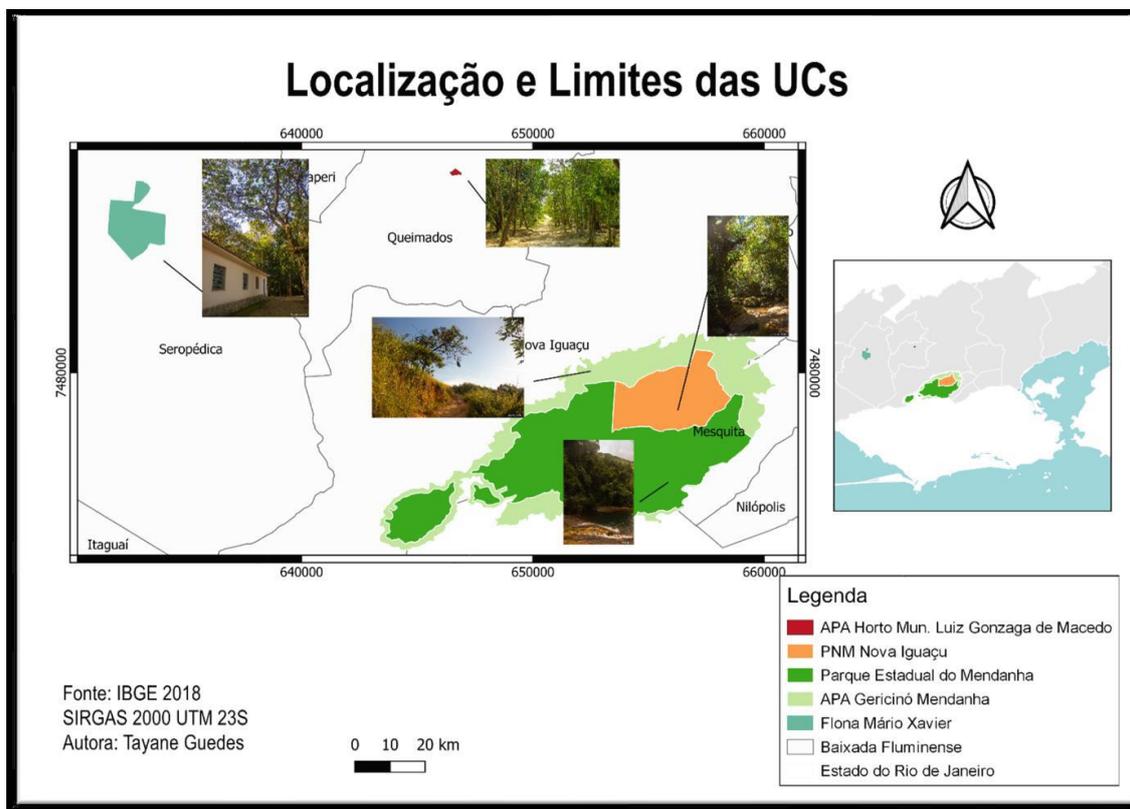


Figura 2: Localização das UCs Participantes do Concurso
 Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A Flona MX, localizada no município de Seropédica, na cor azul no mapa acima, é uma das maiores áreas verdes do município, e a única Floresta Nacional instituída no Estado do Rio de Janeiro. É categorizada como de uso sustentável (Vargas *et al.*, 2022). De esfera federal, gerida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), a UC foi criada em 1986 e possui 496 hectares de extensão, estando inserida no domínio do Bioma Mata Atlântica, em uma área urbanizada. É fragmentada pelas rodovias Presidente Dutra (BR-116) ao norte e pela rodovia Arco Metropolitano do Rio de Janeiro (BR-493), inaugurada em 2014 (Souza, 2017).

A Flona MX possui ocorrência de espécies de diversos biomas brasileiros e mundiais, bem como defende uma área de biodiversidade importante, principalmente por ser um dos últimos refúgios de mata protegidos na região. Possui a missão essencial de resgatar a herança

histórica da UC e entorno, além do papel de proteger as espécies endêmicas e ameaçadas de extinção (Nascimento *et al.*, 2022; Vargas e Alves, 2019).

A APA Horto Municipal Luiz Gonzaga de Macedo, também objeto de estudo desta pesquisa, é uma UC na categoria de uso sustentável, de esfera municipal, gerida pela SEMADA (Secretaria Municipal de Ambiente e Defesa dos Animais), com extensão de 7,34 hectares. Criada no ano de 2011 através do Decreto Municipal nº 1.042/11, a UC está inserida no bairro Vila Camarim, na Avenida Eduardo Celidônio (Queimados, 2011).

O PEM é uma UC na categoria de proteção integral, de esfera estadual, gerido pelo INEA, criado pelo Decreto Estadual nº 44.342, em 2013. A referida UC conta com uma área de 4.398,10 hectares, englobando parte da cidade do Rio de Janeiro (bairros de Campo Grande e Bangu), Nova Iguaçu e Mesquita (Wikiparques, 2022). Vale destacar que a RPPN Bicho Preguiça acaba sendo um ponto de referência para entrada no Parque, a qual vem se destacando no ecoturismo, pesquisa científica e educação ambiental.

O PEM possui uma boa cobertura vegetal, em suas áreas mais remotas, os remanescentes florestais encontrados estão em alto grau de conservação. A cobertura vegetal existente nele e em seu entorno é classificada como Floresta Ombrófila Densa Montana e Submontana (Santos Júnior, 2019).

O PNMNI é uma UC de esfera municipal, localizada nos municípios de Nova Iguaçu e Mesquita, na região da Baixada Fluminense. Criado em 1998, através do Decreto Municipal nº 6.001, tem extensão de 1.100 hectares. Também conhecido como Parque do Vulcão, está localizado no conjunto orográfico do Maciço do Mendanha, contando com 3 serras em seu território: Mendanha, Gericinó e Madureira (Gomes *et al.*, 2020).

O PNMNI agrega muitos valores, a riqueza quanto a sua geodiversidade, os valores educativos, recreativos e científicos. É uma UC com muitos potenciais de uso, de pesquisa e de atividades de educação ambiental, tudo isso somado a uma beleza cênica indescritível (Queiroz, 2018).

A APAGM, considerada Reserva da Biosfera pela UNESCO desde 1996, abriga uma grande biodiversidade, como há uma sobreposição de UCs, pode-se falar também do PNMNI e do PEM. Ambos abrigam o maciço do Gericinó Madureira- Mendanha, revestido pela Floresta

Ombrófila Densa e fazem parte de um dos conjuntos remanescentes florestais mais importantes do Rio de Janeiro (Mello, 2008).

Por fim, a APAGM, é uma UC na categoria de uso sustentável, de esfera estadual, criada pelo Decreto Estadual nº 38.183, em 2005, é gerida pelo INEA. Possui abrangência territorial nos municípios de Nova Iguaçu, parte do Rio de Janeiro e Nilópolis, tem extensão de 7.972,39 hectares (Inea, 2022; Wikiparques, 2022). Dentro da APAGM, está o PEM e parte do PNMNI.

Materiais e Métodos

A presente pesquisa se iniciou com a busca por bibliografias que envolvessem os conceitos de paisagem, fotografia, conservação, ciência cidadã e percepção ambiental, conceitos estes que nortearam todas as etapas da pesquisa-ação.

A criação do concurso se deu devido à necessidade da participação popular na construção de uma pesquisa coletiva, bem como também na construção de novas imagens das UCs participantes, a fim de contrapor ideias limitantes do que é a Baixada Fluminense, fazendo assim, uma propagação de diversos olhares sobre estes territórios.

Foi criado um perfil na rede social *instagram* com o nome de usuário *@fotosucsbaixada*; através dele, foram postados informes sobre o concurso e realizadas *lives* com cada um dos gestores das UCs participantes, a fim de aumentar a divulgação do evento e das UCs participantes. Ainda, foram feitas oficinas de Introdução à Fotografia de Natureza, em junho de 2022, em três das UCs participantes (FLONA MX, APA HMLGM e PNMNI), as quais contavam com uma parte teórica e uma parte prática, para que assim os participantes pudessem realizar seus registros e participar do concurso. Para garantir a participação de um público fixo, foram realizadas parcerias com as prefeituras e as secretarias de meio ambiente, e a partir destas, foram organizadas as oficinas, a fim de garantir um número mínimo de participantes nas atividades.

A metodologia de criação do concurso foi a de pesquisa-ação, com uma abordagem qualitativa, sendo realizadas diversas ações que contribuíram diretamente no aumento das

inscrições, algo de grande importância para a robustez dos dados e para a efetividade do concurso. A pesquisa-ação pode ser considerada:

[...] um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta (Engel, 2000, p.2).

A metodologia de pesquisa-ação permite aos envolvidos participarem por meio de reflexões críticas durante as ações realizadas, potencializando a participação social (Cerati e Lazarini, 2009). Para Tozoni-Reis (2005), a pesquisa-ação relacionada à Educação Ambiental consiste em três principais práticas que se interligam: a produção de conhecimento, a participação dos envolvidos e a ação educativa. Para o autor, sempre há um ponto de partida, que é detectado anteriormente às atividades.

Nesta pesquisa, os participantes das atividades partiram de pressupostos diferenciados e foram estimulados a refletir sobre os pensamentos, como por exemplo, nas atividades de fotografia, na qual os pressupostos eram: o que é relevante para ser fotografado de acordo com seus olhares? O que os desperta? A partir das percepções, questionamentos e diálogos, foi possível refletir sobre os pontos fortes e fracos das UCs para o público, gerando, assim, uma construção coletiva do conhecimento. A construção coletiva é uma das características principais da pesquisa-ação, pois se constitui a partir da escuta ativa de todos os participantes. Na parte teórica das oficinas era apresentado um breve panorama histórico das UCs, abordando-se, logo após, um conteúdo mais específico sobre fotografia, o qual discutia as diferentes câmeras e seus sensores, as funções manuais para fotografia de câmera, o triângulo da exposição (ISO, velocidade de exposição e profundidade de campo), além de fotografia de celular, para que todos os participantes pudessem olhar em seus aparelhos quais

funcionalidades existiam e quais não. Outros conteúdos também abordados eram os tipos de enquadramentos, dicas de composição e como realizar um planejamento fotográfico eficaz.

O concurso contou com parcerias para as premiações e a divulgação nas redes sociais e sites. A Prefeitura de Queimados e a SEMADA contribuíram com a divulgação e as premiações, e as demais prefeituras e secretarias de meio ambiente contribuíram com a divulgação. A premiação do Concurso foi dada aos três primeiros lugares, na qual o primeiro lugar ganhava um kit de câmera e lente e a camiseta do concurso. O segundo lugar ganhava um tripé e a camiseta do Concurso, e o terceiro lugar a camiseta do concurso e um livro.

O Concurso foi aberto a toda e qualquer pessoa, sendo criadas regras que foram estabelecidas em um edital. As principais eram que a inscrição acontecesse em uma das três categorias, paisagem, fauna ou flora, com a possibilidade de inscrição de uma pessoa nas três categorias, porém não era permitido que a mesma enviasse mais de 1 foto por categoria. Durante as atividades, principalmente durante as oficinas de introdução à fotografia, todas as categorias eram explicadas.

Vale destacar que as fotografias enviadas ao concurso correspondem à participação social de livre espontânea vontade, possibilitando a utilização em redes sociais, sites ou publicações externas da autora e/ou das UCs participantes, com a finalidade de divulgar o projeto e/ou as UCs, porém, sempre especificando a autoria das imagens. Assim, todas as fotos participantes do concurso foram enviadas aos gestores das UCs, havendo possibilidade de serem utilizadas para divulgação, educação ambiental e análise da biodiversidade.

Após a realização do concurso e a definição dos ganhadores, foi organizado o evento de premiação do concurso e a primeira exposição itinerante de fotografias do mesmo, havendo também música ao vivo e atividades de educação ambiental. O evento foi realizado em parceria com a Prefeitura de Queimados e a SEMADA, e contou com a população Queimadense, além de participantes do concurso.

Na etapa seguinte realizou-se a compilação de todos os dados obtidos durante a pesquisa, sendo criado uma exposição fotográfica virtual, pela plataforma *google sites*. A mesma envolveu a junção de fotografias do concurso (ciência colaborativa), fotografia de autoria da pesquisadora, bem como percepções ambientais dos participantes e da própria pesquisadora,

ao trazer palavras e sentimentos vivenciados durante as atividades. Na figura 3 há um resumo das atividades realizadas.

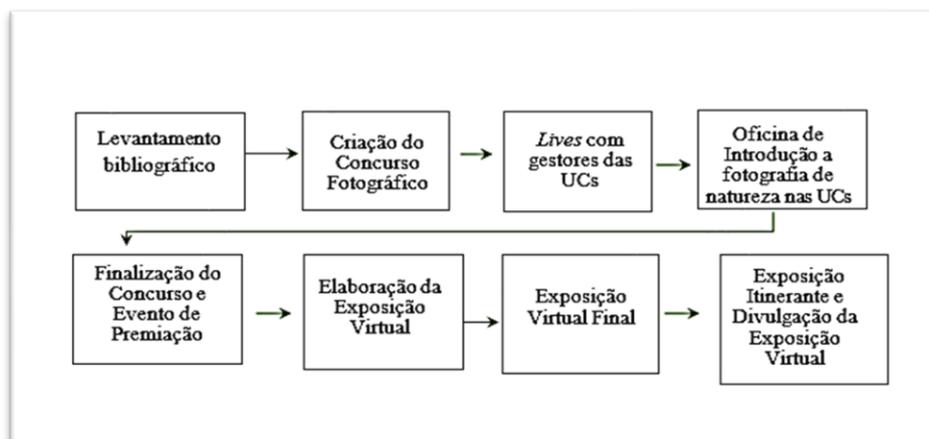


Figura 3: Fluxograma Metodológico
 Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Resultados e Discussões

O primeiro concurso fotográfico de UCs da Baixada Fluminense surgiu com a ideia de unir diversos olhares sobre as paisagens da região e utilizar a fotografia como um elo de reconexão entre sociedade e natureza. Através de diferentes sentimentos expressos em perspectivas, ângulos, composições e texturas, foram direcionados os olhares para a biodiversidade presente na região, que muitas vezes é ofuscada pelos problemas socioambientais, já discutidos por Lima (2023). Ao pensar no poder de divulgação das redes sociais em trabalhos de ciência cidadã, foi criado o *instagram* do projeto (@fotosucsbaixada³) e também uma logo do concurso, apresentando uma identidade visual para a proposta.

Essa primeira estratégia demonstrou o potencial da divulgação da ciência através das redes sociais, uma vez que todas as *lives* tiveram um público presente e interessado em conhecer mais sobre as UCs e sobre o concurso. A esse respeito, Bustamante (2010) cita que uma

³ <https://www.instagram.com/fotosucsbaixada/>

massa crítica que compartilha conhecimento pode produzir em quantidade e qualidade, logo, essa interação inicial sobre o conhecimento da história das UCs, da importância da percepção através da fotografia gerou muitas informações compartilhadas.

Cabe destacar que, no tempo-espaço da pesquisa, houve uma articulação em rede que envolveu a gestão dos parques, instituições governamentais (prefeituras e secretarias de meio ambiente), instituição pública (discentes e docentes da UFRRJ), escolas e outra parcela da população não pertencente aos grupos supracitados anteriormente. Ademais, possibilitou que as UCs participantes estivessem conectadas através das atividades e movimentações geradas como em um mosaico, como por exemplo, do evento de premiação, ou dos aniversários dos parques, que contou com essas esferas coexistindo.

Para Santos (2023), a cooperação entre variados atores pode levar a construção em rede, e o trabalho em rede tem potencial de atingir ações ou esforços simultâneos. A formação de variados grupos atuantes no tempo da pesquisa foi capaz de gerar transformações que, por sua vez, geraram a possibilidade de uma nova construção da realidade. Além disso, apontou-se para uma educação participativa, que dialoga e descentraliza, potencializando o valor socioambiental e as conexões territoriais da Baixada Fluminense.

Nas atividades presenciais foi possível perceber o quão valioso é o incentivo de uma educação ambiental crítica e sensível. Através das oficinas de fotografia e vivências nas UCs, ficou claro, principalmente com a participação dos jovens e crianças, o quanto muitos deles não conheciam tais áreas verdes dos municípios onde moram, e o potencial existente na realização de atividades nestes espaços, enriquecendo o pertencimento dos participantes aos seus territórios.

A atividade ocorrida na APA HMLGM contou com o público do Ambiente Jovem de Queimados, considerado o maior programa de educação ambiental do Brasil, segundo o Inea (2022):

[...] a iniciativa tem dentre seus objetivos, aumentar a qualidade de vida dos envolvidos e suas comunidades ao integrar esforços para garantir direitos e promover autonomia. Além de seu papel em prol da biodiversidade fluminense,

o Ambiente Jovem desenvolverá uma visão empreendedora nos jovens que possibilite outras alternativas de geração de renda (Inea, 2022).

Além disso, a atividade em Queimados também contou com o plantio de mudas nativas da Mata Atlântica no ponto mais alto da UC, em uma área bastante degradada. Com essa ação, os estudantes puderam aumentar a conscientização acerca de questões ambientais desta área, além de criar conexões com a fotografia, participando de um projeto onde seu olhar possibilita auxiliar a UC do município em que reside. A primeira experiência dos jovens com o plantio de árvores trouxe, em muitos, a sensação de pertencimento, valor indispensável para a formação de uma juventude engajada com questões ambientais.

As oficinas de introdução à fotografia de natureza mostraram que a fotografia, unida às práticas ecopedagógicas, busca a ascensão de aprendizados ecológicos de forma ampla, profunda e difusa (Ruscheinsky, 2002), podendo auxiliar em mudanças de olhares sobre o território, bem como ferramenta de reconexão com a natureza e com as áreas protegidas de seus municípios.

Durante a parte prática das oficinas, ao percorrer as UCs com os participantes, era possível identificar os que “nada enxergavam”, um deles chegou a dizer: “aqui não tem nada, não tem como fotografar o nada”, momento em que, rapidamente, redirecionávamos o olhar dele para que enxergasse algumas potencialidades paisagísticas que estavam passando despercebidas pelo olhar do jovem.

A situação de oposição entre os jovens muito interessados e outros que não enxergavam o que era belo para ser fotografado, nos mostra o quanto a percepção ambiental é inerente a cada ser humano, pois cada um dos participantes percebia, reagia e respondia de forma diferente. Além da percepção ambiental, paralelamente, existe a cultura local, a história, classe social, constituição familiar e religiosa, fatores esses que possibilitam uma gama de variadas percepções e observações, os chamados filtros culturais.

A prática geofotográfica traz consigo uma motivação para observar, criar novos pontos de vista sobre o que está sendo estudado, auxilia em experiências, habilidades, novos conhecimentos a partir do entendimento de qual foi o assunto fotografado. A percepção

ambiental, nesse caso, vem atrelada a uma tomada de consciência, muito necessária para o território da Baixada Fluminense, pois auxilia jovens na compreensão e reconhecimento de seus papéis enquanto cidadãos capazes de entender a necessidade de proteger, preservar e conservar o meio ambiente (Menegazzo, 2018).

Algo que também ficou claro, nas oficinas da FLONA MX e da APA HMLGM, foi a percepção de que a grande maioria dos jovens participantes das oficinas ainda não conheciam as UCs, mesmo sendo integrantes do Ambiente Jovem, situação essa que traz um alerta apontando para o fato de que as áreas verdes urbanas ainda estão sendo pouco utilizadas pela população. Vale destacar que, em muitas destas, apesar dos conflitos socioambientais intensos, muitos moradores do entorno dessas UCs desconhecem sua importância, o que é, e para que serve. Outro ponto observado durante a oficina da FLONA MX foi o quanto o acesso às tecnologias ainda está em grande defasagem quando falamos de territórios periféricos e, por conta disso, houve pouquíssimos inscritos no concurso, já que os participantes eram adolescentes do ensino fundamental II. Tal resultado pode estar associado a todo o passo a passo exigido para inscrição, ou até por não dominarem a rede social *instagram*, visto que durante a oficina foi observado muitos estudantes motivados e encantados com a beleza natural e a história da Flona MX, e os quais realizaram muitos registros na natureza pelo celular.

Um outro lado apresentado foram comentários como: “não tenho chance, meu celular é muito velho para participar do concurso, as fotos não ficam boas”, que demonstram o sentimento estrutural de desigualdade, devido a não terem poder aquisitivo para adquirirem equipamentos melhores, embora durante todas as práticas, fosse frisado que todas as participações seriam importantes.

Quanto ao PNMNI, a oficina contou com um público mais adulto, jovens acima de 20 anos, e adultos em torno de 40 anos. Quando comparado às outras duas UCs, poucas pessoas da oficina estavam conhecendo a UC pela primeira vez, a grande maioria já o parque há algum tempo, o que fez com que a atividade da fotografia se tornasse mais afetiva.

Os que já possuem afetividade pelo lugar, produzem o que Tuan (2012) chama de topofilia: a criação de laços afetivos com os territórios que se têm memórias. O conceito consiste na afirmação de que a forma como se percebe um lugar relaciona-se a um ponto de vista

sentimental mais subjetivo. Em outras palavras, ao realizar o registro de um espaço, o indivíduo carrega consigo todas as experiências vividas.

Ao todo, o concurso teve 145 fotos inscritas, sendo 46 na categoria fauna, 45 na categoria flora e 54 na categoria paisagem. A categoria paisagem foi a que obteve mais inscrições, possivelmente por ser um tipo de fotografias mais ampla, e registrar uma composição de elementos variados. Já as categorias flora e fauna ficaram quase que empatadas, um resultado que surpreende, uma vez que a fauna é mais difícil de ser fotografada do que a flora, diante de suas dinâmicas diferenciadas. Na Tabela 1 é possível ver a distribuição das inscrições por categoria do concurso e UC.

Tabela 1: Inscrições do Concurso

UC	Fauna	Flora	Paisagem	Total
PNMNI	23	16	24	63
Flona MX	14	16	16	46
APA Horto Queimados	4	11	5	20
PEM	0	0	1	1
APA Gericinó Mendanha	5	2	8	15
Total	46	45	54	145

Fonte: Elaborado pela Autora (2022).

Entre as UCs participantes, o PNMNI foi o parque que obteve mais inscrições, com 63 fotografias feitas nele, sendo 23 fotografias de fauna, 16 de flora e 24 de paisagem. Em segundo lugar ficou a FLONA MX, a qual obteve 46 das 145 inscrições, 14 da categoria fauna, 16 da categoria flora e 16 também da categoria paisagem. Em terceiro lugar, a APA Horto Queimados, com 20 inscrições, 4 de fauna, 11 de flora e 5 de paisagem. A APA Gericinó

Mendanha obteve 15 inscrições, 5 da fauna, 2 da flora e 8 da paisagem. E por fim o PEM, que obteve somente uma inscrição na categoria paisagem.

Os resultados em relação ao *ranking* de parques com maiores e menores inscrições já era previsto, uma vez que o PNMNI, o parque que recebeu o maior número de inscrições, sendo um parque bastante visitado, todos os que foram na oficina tinham histórias e conexões com o espaço, que possui uma notável beleza cênica. Outro resultado esperado foi a boa classificação da FLONA MX, pois, atualmente, esta UC é utilizada por pesquisadores e estudantes da UFRRJ, sendo este o perfil predominante dos inscritos por essa UC.

Outro resultado esperado, foram as poucas inscrições no PEM. A UC não possui uma sede, tornando-se mais difícil compreender a sua localização. Além disso, a não realização de ações para alavancar as inscrições na UC refletiu no baixo envio das fotos. Posteriormente, em visita à UC para trabalho de campo, observou-se que apesar de ser de Proteção Integral, o PEM é utilizado com frequência por moradores da região para uso, principalmente, da Cachoeira do Mendanha. O baixo controle da área se deve à sua grande extensão e ao quantitativo reduzido de guardas parques e técnicos disponibilizados pelo INEA.

Quanto as inscrições na APA HMLGM, o número de inscrições também poderia ter sido maior após a oficina, por ser uma das UCs mais frequentadas pela população de Queimados, bem como pelo fato de as oficinas terem sido realizadas com participantes de um programa de educação ambiental - Ambiente Jovem - como já mencionado.

Para além disso, ficam também as reflexões acerca da importância de os jovens residentes em áreas periféricas serem introduzidos às artes ainda crianças, permitindo ressignificar os olhares sobre seus territórios. Alguns jovens apresentavam dificuldade de encontrar beleza na natureza da UC, ou sentiam-se desmotivados por não ter um bom celular.

No caso da APAGM, dois fatos podem ter influenciado no baixo número de inscrições. O primeiro diz respeito a não ocorrência de eventos e/ou atividades durante o processo do concurso. O segundo motivo, pode ser devido ao público que frequenta a APA ser o mesmo do PNMNI, principalmente na vertente Nova Iguaçu.

Entre as fotografias inscritas, também é possível analisar os dados gerais entre as

categorias. A que mais teve inscrições foi a categoria paisagem com 54 fotos inscritas, fato esse que pode ser explicado por ser a categoria mais simples de registro. As paisagens, além de poderem ser registradas de maneira fácil, também não precisam de um olhar tão apurado e detalhado como as categorias de fauna e flora. A categoria fauna ter sido mais fotografada que a flora foi um resultado um tanto surpreendente, pois demonstrou um público atento ao movimento dos animais que circulam pelas UCs.

A partir do fim das inscrições, as fotos foram organizadas em pastas divididas por categoria, para que houvesse a avaliação preliminar da banca do concurso, a qual foi composta por professores acadêmicos, pesquisadores ambientais e fotógrafos de natureza. Cada um poderia ter seus critérios de seleção das imagens e deveria escolher 10 finalistas para cada categoria. Após todo o processo, haveria a contagem para ver quais seriam de fato os 10 finalistas de cada categoria (Figuras 4,5 e 6).

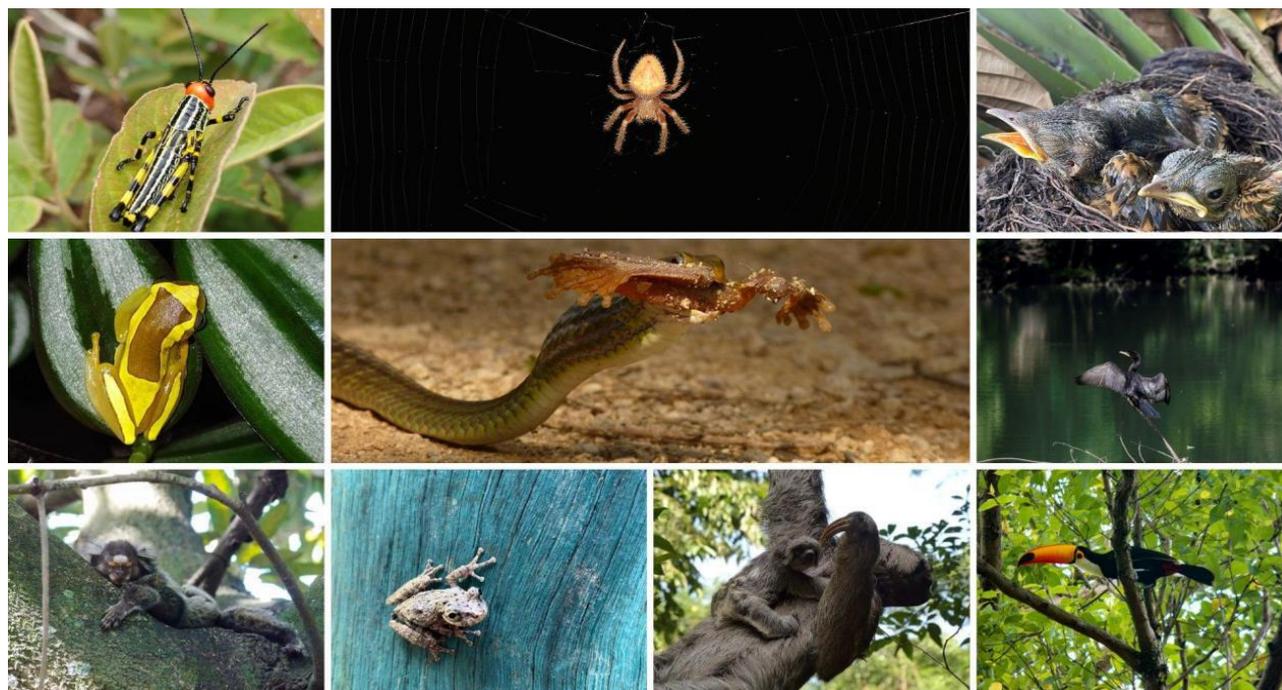


Figura 4: Finalistas da categoria fauna
Fonte: Acervo da Autora

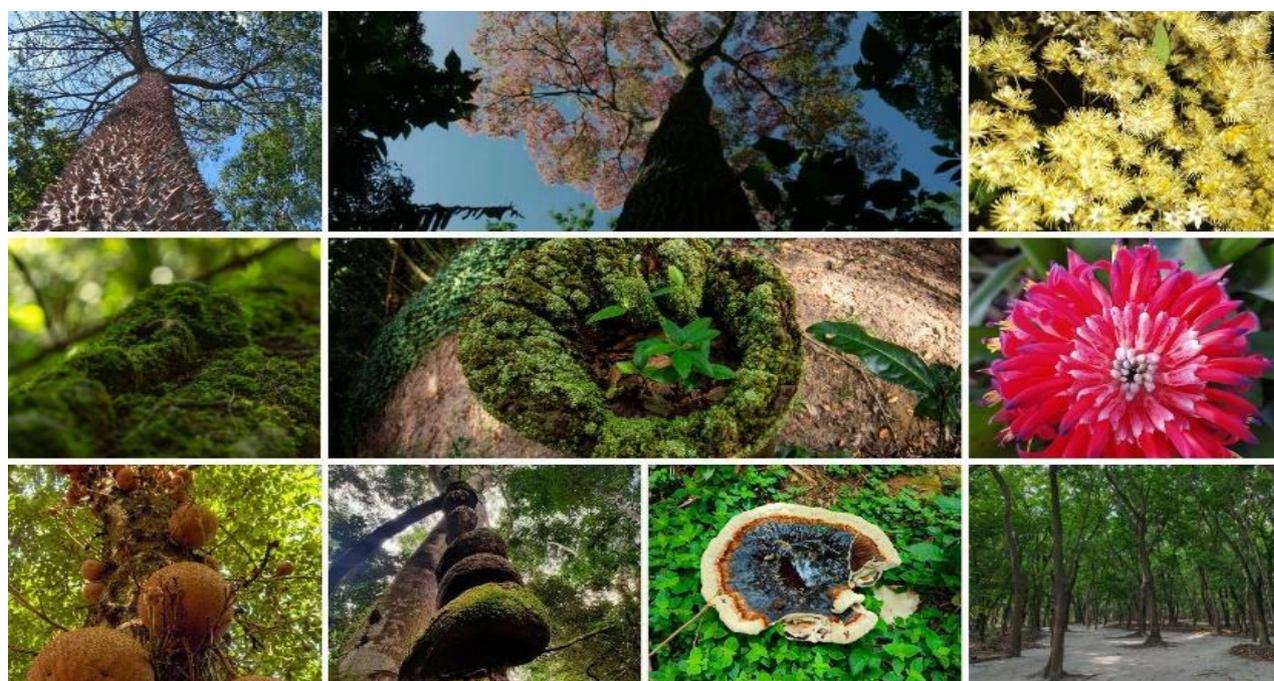


Figura 5: Finalistas da Categoria Flora
Fonte: Acervo da Autora

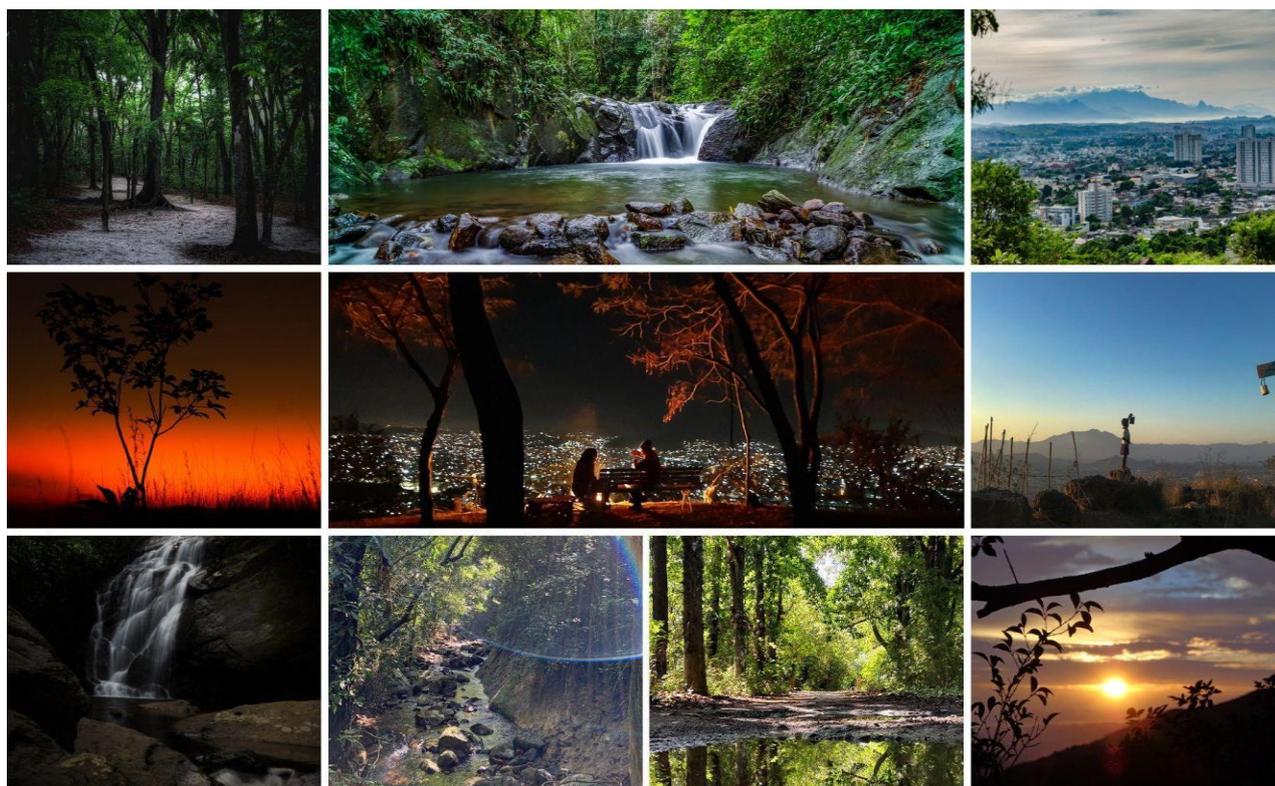


Figura 6: Finalistas da Categoria Paisagem
Fonte: Acervo da Autora

A próxima etapa ocorrida foi relacionada ao engajamento social, ficando ainda mais evidente o poder das mídias digitais na divulgação científica, pois a página que começou do zero e com pouquíssimos seguidores, alcançou 700 seguidores em menos de 1 mês. Por dia, eram mais de 2000 compartilhamentos de posts variados, muitas curtidas, e assim, um dos objetivos da pesquisa foi alcançado, que é o impulsionamento da divulgação das UCs por meio da fotografia e mídias digitais, através das quais foi possível fazer com que mais pessoas conhecessem um outro lado da Baixada Fluminense, repleto de biodiversidade.

Diversos comentários recebidos, como por exemplo: “não sabia que existiam lugares bonitos assim na Baixada Fluminense”, ou, “preciso conhecer esses lugares” representaram o desconhecimento e a falta de políticas públicas de valorização das áreas verdes/UCs sobre este território. Nesse cenário, nas figuras 7 e 8, encontram-se comparativos de engajamentos nas publicações realizados pelo *instagram*.



Figura 7: Engajamento inicial no Instagram

Fonte: Acervo da Autora



Figura 8: Engajamento final no Instagram

Fonte: Acervo da Autora

Comparando o engajamento das figuras 7 e 8, é possível visualizar os principais dados e o quanto a parte do engajamento exigido no edital movimentou a página. Na Figura 7, as visitas ao perfil foram somente 4, em um *post* que antecede o concurso, enquanto que na Figura 8, as visitas ao perfil foram 397 e, dessas, 92 pessoas começaram a seguir. A análise dos dados demonstra as interações com as publicações, onde na Figura 7 o somatório deu 60, já na Figura 8, as interações somam o número de 3.584, e desses, 1.104 perfis compartilharam. Ao pensar que os dados da Figura 8 mostram o engajamento de apenas 1, das 30 fotografias finalistas, pode-se perceber a dimensão que tomou o primeiro concurso fotográfico de Unidades de Conservação da Baixada Fluminense. Um dos objetivos do concurso era trazer uma outra visão da paisagem e da natureza presente na Baixada Fluminense. A partir dos compartilhamentos, houve a disseminação da beleza cênica e da biodiversidade presente nessas UCs, além de promover um possível aumento do uso público para os parques,

resultado esse também obtido através das atividades, que não só promoveram, como também aproximaram o público das UCs participantes.

Os dados ultrapassaram o esperado e mostram a ampla capacidade dos usos de tecnologias sociais que, no caso do concurso, foram utilizadas não somente como ferramenta para auxiliar na divulgação, mas também como recurso facilitador da compreensão de que, no mundo atual globalizado, a tecnologia faz parte do cotidiano da população. As mídias digitais podem ser ferramentas valiosas para a ciência, uma vez que aproximam a divulgação da ciência com a sociedade de uma maneira criativa e simplificada.

Para Marchiorato (2018), a tecnologia:

“[...] não é por ser um malefício nem para a sociedade nem para a natureza. Pelo contrário, como um dispositivo de abertura de possibilidades de transformação, a tecnologia pode reconfigurar nossa compreensão e atuação junto à natureza: se hoje ainda não valorizamos devidamente a importância do meio ambiente em nossas vidas, talvez amanhã, graças às possibilidades abertas pela tecnologia, possamos nos conscientizar desta importância (Marchiorato, 2018, p. 6).”

Nesse sentido, a Educomunicação ambiental utiliza dos recursos tecnológicos para trazer uma perspectiva participativa e coletiva ao contato do público com a natureza. As mídias digitais vêm, nesse sentido, auxiliar em uma maior visibilidade para as UCs e desfazer a invisibilidade que estas sofrem. No entanto, a tecnologia em projetos também pode ter seus pontos negativos.

Um dos resultados negativos, foi a utilização de falsos engajamentos. Durante o concurso, observamos em algumas fotos, engajamentos advindos de páginas e perfis *fakes*. Como não havia ficado claro no edital que seria desclassificada a foto na qual fossem identificados engajamentos falsos, a estratégia adotada foi a de analisar manualmente, perfil por perfil, para não considerar perfis falsos, comentários repetidos e, assim, chegarmos em um resultado mais justo para o concurso.

A partir do resultado dos ganhadores do concurso, houve o evento de premiação, neste foi possível ver a articulação em rede que a pesquisa proporcionou, pois o evento contou com a

participação de moradores de Queimados, o Programa Ambiente Jovem de Queimados, o gestor das UCs: APA Gericinó Mendanha e Parque Estadual do Mendanha; a prefeitura e equipe da SEMADA, e também alguns participantes que tiveram suas fotos como finalistas. Ainda houve apresentações culturais e outras ações organizadas pela própria SEMADA. O evento foi importante para unificar diversos atores sociais e a população em prol do projeto que visa arte e conservação na Baixada Fluminense, dando voz aos pesquisadores, que puderam explicar para a população a importância da pesquisa, da proteção e valorização das UCs da Baixada Fluminense. Na figura 9, há um mosaico com fotografias do evento.



Figura 9: Evento de Premiação

Fonte: Acervo da Autora

A utilização da fotografia, amparada pelo uso das mídias, contribuiu com um contradiscurso da visão limitante sobre a Baixada Fluminense. O discurso hegemônico é de um território marginalizado, precarizado, fruto de violências e de falta de segurança. O projeto contribuiu para a imagem de uma Baixada Verde, palco de beleza cênica deslumbrante, que guarda uma rica biodiversidade, que é lugar de lazer e de memórias afetivas, uma periferia que pulsa vida.

GUEDES & VARGAS, *Concurso Fotográfico: Impulsionando o pertencimento nas Unidades de Conservação da Baixada Fluminense*

Doi: 10.51308/continentes.v1i24.466

A proposta desta nova visão também fez com que o projeto fosse visto por outros projetos, e nesse sentido, foi realizada uma entrevista para uma revista digital criada para discutir e desvendar a Baixada Fluminense. A matéria tem o título “Fotografias em prol da Conservação”, e dialoga para além do concurso, destacando a importância da fotografia como forma de auxílio na conexão com a natureza, servindo também como ferramenta para o (re)conhecimento da biodiversidade existente na Baixada Fluminense, pois só se protege o que é conhecido. Além disso, toda essa diversidade biológica é invisibilizada e extremamente ameaçada pela pressão dos centros urbanos.

A sensação de pertencimento ao espaço em que se vive também foi notada para além das atividades, durante o engajamento no concurso, onde houve a união das prefeituras e secretarias de meio ambiente com os participantes finalistas. Como exemplo, cita-se o município de Queimados, que movimentou todo o Programa Ambiente Jovem, a prefeitura, a SEMADA, e a população Queimadenses para apoiar o finalista do município.

Outro exemplo foi a Secretaria de Meio Ambiente de Seropédica e de Nova Iguaçu, que realizaram posts com todos os finalistas, pedindo ajuda na divulgação de suas fotografias. De maneira geral, foi recompensador perceber que, naquele momento, havia o orgulho em pertencer a um município da Baixada e de possuir uma UC em seu território, e também muita união acerca das fotografias de natureza.

Ademais, todas as atividades presenciais, virtuais e o concurso em si uniram a educação ambiental e a ciência cidadã durante o espaço-tempo da pesquisa, presenciando-se um movimento de aproximação e diálogo com a população. A educação ambiental foi utilizada de maneira transversal, e com o uso das tecnologias, muitos jovens passaram a ter conexões reais com seus espaços vividos. A ciência cidadã foi utilizada não só na parte de coleta de dados (banco de imagens), mas também na construção coletiva de ressignificação do uso público das UCs, provocando transformações vistas através de percepções mais sensíveis.

O concurso pôde propiciar a produção de imagens para o uso público, gerando um banco de imagens para a gestão, que recebeu todas as fotografias, com a possibilidade de analisar foto a foto para ver se há alguma espécie ainda não conhecida, utilizar as fotografias para divulgar a UC, ou até como instrumento para várias abordagens possíveis com a educação ambiental.

Os projetos que envolvem ciência cidadã geram proveitos em três categorias principais, interligadas entre si: a primeira seria a coleta de dados; a segunda, ter resultados para os participantes, que incluem educação e habilidades novas; e a terceira, resultados para sistemas socioecológicos, como por exemplo, a conservação (Rodrigues *et al.*, 2020). O concurso e seus desdobramentos geraram resultados satisfatórios nas três principais categorias, gerando um banco de imagens que auxiliou e ampliou o impulsionamento de novos olhares para as paisagens e a biodiversidade.

As oficinas de introdução à fotografia de natureza possibilitaram o aprendizado com a parte técnica fotográfica e novos olhares para a natureza. Todas as etapas que envolveram o concurso até a premiação, contribuíram para a divulgação das 5 UCs e para a sensibilização da importância de proteger essas áreas verdes encravadas nas cidades da Baixada Fluminense.

Considerações Finais

Quando falamos de áreas protegidas em meios urbanos e principalmente periféricos, é urgente a inserção de uma educação ambiental prática e sensível, que permita à população ter uma voz cada vez mais ativa nesses espaços. Ademais, incentivar a participação da população em diversas etapas de pesquisas científicas permite a ampliação do conhecimento. É importante que a população conheça as UCs pertencentes a seus municípios, saiba cuidar delas, ajude a conservá-las e com essa relação de pertencimento acontecendo, a divulgação será uma consequência. Esse senso de pertencimento é essencial para estimular a coletividade, e a partir dele há uma participação social na defesa desses espaços, principalmente se a gestão for feita de forma integradora. Ficou claro que uma articulação em rede potencializa atividades educativas e traz uma maior visibilidade regional, destacando os movimentos e articulações da Baixada Fluminense.

Como visto, através da ciência cidadã, obtiveram-se produtos fotográficos que podem ser utilizados para diversos fins, pois nesta pesquisa foram geradas várias fotografias das 3 categorias. Espera-se que estas auxiliem no reconhecimento e/ou monitoramento das espécies fotografadas, e sirvam de instrumento de educação ambiental.

O banco de dados fotográficos sobre as UCs pode auxiliar na criação de um museu aberto à comunidade, uma atração visualizada em parques que possuem altas visitas. Na entrada destes, usualmente, há um museu que conta com fotografias das espécies; e assim, antes de adentrarem as trilhas, os visitantes já ficam sabendo que tipo de animais ou que tipo de flora podem encontrar nestes ambientes.

No projeto, as ações foram diversas: postagens em redes sociais, ações com escolas, ações com o Ambiente Jovem, eventos no geral abertos ao público, exposições itinerantes, além da exposição virtual. Todas trouxeram à tona também a importância da popularização da ciência, visto que há um estigma sobre o que é ciência e quem são os cientistas, e este também é quebrado através dessas novas formas de compartilhar e refletir acerca de novos conhecimentos.

As mídias digitais se mostraram uma ótima forma de divulgação e disseminação de informações à sociedade, sendo uma grande chave para a popularização da ciência, a fim de que a informação chegue para o máximo de pessoas possível e não fique presa somente a ambientes acadêmicos e científicos. Redes sociais como o *Instagram*, *Tik Tok* e até o *Twitter* se fazem presentes no cotidiano da população, e ao popularizar a ciência com páginas científicas, é possível mostrar à população que aprender ciência não é algo chato e monótono, mas que acima de tudo, todos podemos fazer ciência juntos e que a ciência se faz compartilhando.

O conhecimento disseminado é de extrema importância, pois só se protege o que se conhece, o famoso: “conheça para amar, ame para proteger”. É preciso conhecer a importância das áreas protegidas, para que servem, e como estas ajudam no bem estar da população, para que após a topofilia formada, as pessoas passem a amar esses espaços e protegê-los juntos com a gestão dos parques.

O Concurso se mostrou uma ótima forma de engajar a população, pois foi possível fazer ciência cidadã, gerar dados (banco de imagens) sobre a conservação das UCs. Do ponto de vista da gestão, houve aumento do uso público, e os gestores têm a possibilidade de, posteriormente, através das fotografias geradas pelo concurso, analisar as espécies

registradas, utilizá-las como instrumento de educação ambiental, analisar como as pessoas percebem a UC, quais são suas percepções e se há um ponto de encontro entre estas.

Do ponto de vista da população, concorrer aos prêmios era interessante, no entanto, o real valor estava nas trocas coletivas, na aprendizagem técnica da fotografia, na percepção de como seus olhares importavam. O indivíduo saiu da UC sabendo que ele é importante para aquele espaço, e que protegê-lo é necessário.

Do ponto de vista político, as secretarias de Meio Ambiente e Prefeituras puderam se aproximar da população e da Gestão das UCs. Por meio da pesquisa, as esferas estavam interligadas e, através disso, o poder público pôde perceber como pode auxiliar na proteção da biodiversidade, e também como a pesquisa pode ser usada como um pontapé inicial para mais projetos na qual arte e proteção ambiental estejam juntas.

Outrossim, o concurso fez com que, durante a pesquisa, fosse mostrada uma imagem da Baixada Fluminense em movimento, que contraria a imagem limitante veiculada por grande parte das pessoas e pelas mídias que influenciam a seleção das imagens a serem divulgadas.

Na Baixada Fluminense há uma grande carência de projetos artísticos nos quais a população possa ser inserida e auxiliar na construção. Um nítido exemplo disso, são os inúmeros comentários recebidos sobre por quais razões outras UCs não estavam presentes na pesquisa.

Ademais, a partir de comentários, ficou claro o desejo da exposição ocorrer em outros locais, como escolas por exemplo, bem como também o interesse em outras edições do Concurso.

A fotografia se mostrou um meio artístico que já está presente no cotidiano da população, facilitando o processo de aprendizagem coletiva através da sensibilização. A conservação da Biodiversidade não se faz sozinha, assim, será muito mais eficaz quando a sociedade também estiver envolvida em ações de educação ambiental e pesquisa, utilizando as UCs de maneira sustentável e consciente, sendo pertencentes a esses espaços.

Referências

ARAÚJO FILHO, Arôdo Romão de; LIMA NETO, João de Souza. Entre a representação e o sentido: Reflexões a respeito da relação entre Fotografia e representação da realidade. **Revista Ciclos**, v. 3, n. 7, p. 22-32, 2016.

AZEVEDO, Rodrigo Medeiros de. **A fotografia como recurso didático para a Geografia no ensino fundamental**. 2012. 47 f., il. Monografia (Bacharelado em Geografia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

BUSTAMANTE, Javier. Poder comunicativo, ecossistemas digitais e cidadania digital. *In*: SILVEIRA, Sergio Amadeu (Org.). **Cidadania e redes digitais**. 1 ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá - Educação e Tecnologias, 2010. p. 11-36.

CERATI, Tania Maria; LAZARINI, Rosmari Aparecida de Moraes. A pesquisa-ação em educação ambiental: uma experiência no entorno de uma unidade de conservação urbana. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 15, p. 383-392, 2009.

COSTA, Renata Geniany Silva; COLESANTI, Marlene Muno. A contribuição da percepção ambiental nos estudos das áreas verdes. **Ra'e ga-O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR, v. 22, 2011.

LIMA, Julio Cesar Carou Feliz de. **Análise das ações de Educomunicação Ambiental nas Unidades de Conservação da Baixada Fluminense**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ, 2023.

MARTINS, Diny Gabrielly de Miranda; CABRAL, Eloisa Helena de Souza. Panorama dos principais estudos sobre ciência cidadã. **For Science**, v. 9, n. 2, p. e01030-e01030, 2021.

OLIVEIRA JUNIOR, A.R. Paisagem na fotografia: sentidos e plasticidades. **Conexão: Comunicação e Cultura UCS**, Caxias do Sul, v. 6, p. 12, 2007.

NASCIMENTO, Jorge Luiz; SOUZA, Marcelo da Costa; VARGAS, Karine Bueno; GUEDES, Henrique Soares; GUEDES, Tayane dos Santos; SILVA, Thulio Lopes da; NEVES, Isabella da Silva; SILVA, Eliane Maria Ribeiro da; LUIZ, Diogo José; MACIEL, Norma da Silva Rocha; COSTA, Márcio Urselino da; MOSTER, COSTA; REIS FILHO, Nelson Rodrigues dos; CORDEIRO, Ana Claudio; RICHTER, Monika; LAWALL, Sarah; SOUZA, Ricardo Luiz Nogueira de. Espécies ameaçadas de extinção na Floresta Nacional Mário Xavier e entorno, Seropédica (RJ). *In*: Seminário de Pesquisa, 13; Encontro de Iniciação do ICMBio, 14. **Anais [...]** Rio de Janeiro: ICMBio, 2022.

GOMES, Carlos Henrique Montes; SANTOS, Joana da Silva Castro; CORDEIRO, Josilene Satyro Saldanha. Potencialidades do Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu na Região Turística

GUEDES & VARGAS, *Concurso Fotográfico: Impulsionando o pertencimento nas Unidades de Conservação da Baixada Fluminense*

Doi: 10.51308/continentes.v1i24.466

Baixada Verde (RJ). **Revista Eletrônica Uso Público em Unidades de Conservação**, Niterói, RJ, Vol. v.8, n. 12, 2020.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Educar em Revista**, p. 181-191, 2000.

INEA. Instituto Estadual do Ambiente. **Área de Proteção Ambiental de Gericinó-Mendanha**. Rio de Janeiro: INEA, s/d.

FERREIRA, Carolina Peixoto. **Percepção ambiental na estação ecológica de Juréia-Itatins**. 2005. Tese de (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2005.

INEA. Instituto Estadual do Ambiente. **Parque Estadual do Mendanha**. Rio de Janeiro: INEA, s/d.

MAIA, Michella Araujo; RICHTER, Monika. Estado de conservação das unidades de conservação da baixada fluminense-estudo de caso: municípios de Nova Iguaçu e Duque de Caxias. **Encontro Nacional de Geógrafos**, 2016.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MARCHIORATO, Henderson Bueno. Educação ambiental: a tecnologia a favor da natureza. **Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 10, n. 23, p. 85-99, 2018.

MENEGAZZO, Renato Fernando. Percepção ambiental por meio da fotografia: ferramenta de educação ambiental para além dos muros da escola. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 13, n. 4, p. 298-312, 2018.

MELLAZO, G.C. Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. **Olhares & Trilhas**. Uberlândia, Ano VI, n. 6, p. 45-51, 2005.

MELLO, Flávio Augusto Pereira. **Ordenamento da malha de trilhas como subsídio ao zoneamento ecoturístico e manejo da visitação no Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu - RJ**. 2008. 195 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MYERS, Norman; MITTERMEIER, Russel A.; MITTERMEIER, Cristina G.; DA FONSECA, Gustavo A. B.; KENT, Jennifer. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, v. 403, n. 6772, p. 853-858, 2000.

GUEDES & VARGAS, *Concurso Fotográfico: Impulsionando o pertencimento nas Unidades de Conservação da Baixada Fluminense*

Doi: 10.51308/continentes.v1i24.466

QUEIMADOS. **Lei nº 1042/11**, de 27 de maio de 2011. Área de Preservação Ambiental – APA Horto Municipal Luiz Gonzaga de Macedo. Queimados, Rio de Janeiro.

QUEIROZ, Edileuza Dias de. **Uso Público no Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu-RJ: trilhando entre possibilidades e dificuldades**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Niterói: UFF, 2018.

RODRIGUES, Samuel Perpetuo; CAMPOS, Renata Bernardes Faria; NONATO, Eunice Maria Nazareth. Educação Ambiental e Ciência Cidadã: Um Ensaio sobre possíveis contribuições recíprocas. **Anais [...]** Educon, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 17, p. 1-16, set. 2020.

RUSCHEINSKY, Aloísio. As rimas da ecopedagogia: uma perspectiva ambientalista. *In*: RUSCHEINSKY, Aloísio. **Educação Ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 61-71.

SANTOS JUNIOR, Wilson Messias dos. **Identificação de áreas prioritárias para a regularização fundiária e contribuição ao plano de manejo do Parque Estadual do Mendanha (PEM) - RJ**. 2019. 220 f. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, Luiz Ricardo Oliveira. **Tessituras e (des)articulações de redes de educação ambiental**. 2023. 171 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

SOUZA, Ricardo Luiz Nogueira de. **Restauração da Mata Atlântica: potencialidades, fragilidades e os conflitos ambientais na Floresta Nacional Mário Xavier, Seropédica/RJ**. 2017. {90 f.} Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Instituto de Agronomia/Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica-RJ: UFRRJ, 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: SciELO-EDUEL, 2012.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Compartilhando saberes: Pesquisa ação educativa ambiental. *In*: FERRARO JUNIOR, L.A. (Coord.) **Encontros e caminhos: formação de coletivos educadoras(es) ambientais**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 259-276, 2005.

VARGAS, Karine Bueno; ALVES, Andrezza Gomes. **Espacialização Fitofisionômica de Espécies Arbóreas da Floresta Nacional Mário Xavier, Seropédica-RJ**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2020.

VARGAS, Karine Bueno; LAWALL, Sarah; OLIVEIRA, Rayssa Evangelista Matos de; SILVA, Felipe de Freitas; LIMA, Júlio Cesar Carou Félix de. Áreas verdes na Baixada Fluminense: configurações de uma biogeografia urbana. **Geosul**, v. 37, n. 83, p. 28-49, 2022.

GUEDES & VARGAS, *Concurso Fotográfico: Impulsionando o pertencimento nas Unidades de Conservação da Baixada Fluminense*

Doi: 10.51308/continentes.v1i24.466

WIKIPARQUES. **Parque Estadual do Mendanha.** Disponível em: https://www.wikiparques.org/wiki/Parque_Estadual_do_Mendanha. Acesso em: 14 set. 2022.

WIKIPARQUES. **Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu.** Disponível em: https://www.wikiparques.org/wiki/Parque_Natural_Municipal_de_Nova_Iguaçu. Acesso em: 14 set. 2022.

Data de submissão: 06/11/2023

Data da avaliação: 29/02/2024